

**REGULARIDADE
INTERPRETATIVA NAS
METÁFORAS COM VERBOS DE
MUDANÇA DE ESTADO¹**

FOSSILE, Dieysa Kanyela²

1 Este texto sintetiza uma pesquisa retratada em Dissertação de Mestrado em Lingüística, sob orientação do professor Dr. Heronides Maurílio de Mello Moura, a quem agradeço pela parceria e orientação.

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço eletrônico: dieysa@ibest.com.br.

RESUMO: Este artigo tem como objeto de estudo a metáfora. Apresentam-se a análise e a descrição, com base na Perspectiva Interacionista de Moura (2007), de regularidades interpretativas nas relações paradigmáticas e sintagmáticas de ocorrências metafóricas com verbos de mudança de estado. Os resultados da pesquisa demonstraram que o uso metafórico é regido por certos padrões lingüísticos que guiam a interpretação. Esses padrões correspondem às relações paradigmáticas e sintagmáticas. Com base no instrumento de análise de dados e na metodologia adotada por Moura (2007), bem como nos resultados prévios apontados pelo autor, observou-se que, na interpretação de uma sentença metafórica, são acionadas categorias semânticas e combinações entre categorias semânticas. As hipóteses de pesquisa também se confirmam, isto é, observou-se que há regularidades de interpretação nas metáforas que apresentam veículos pertencentes a um mesmo paradigma (ou categoria semântica). Nesse caso, foi possível observar que a regularidade que pode ser identificada no uso das metáforas com verbos de mudança de estado corresponde ao resultado da ação verbal. Também foi possível verificar que a metáfora cria algo novo com *status* cognitivo a partir da rede conceptual da linguagem. Em virtude dos resultados obtidos, postulou-se um tipo combinatório para as metáforas com verbos de mudança de estado: [TÓPICO (X) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado)] ? (Paráfrase = Dimensão relevante do processo verbal = estado resultativo).

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; interpretação; léxico.

ABSTRACT: This article's purpose is to study the metaphor. Based on Moura's Interactionist Perspective (2007), it is presented an analysis and description of the regularities of interpretation in the paradigmatic and syntagmatic relations of occurrence of metaphor with change of state verbs. The research showed that the use of metaphor is led by a certain linguistic standards, which guide the interpretation. Those standards are related to the paradigmatic and syntagmatic relations. Based on the data analysis and on Moura's method, as well as on the previous results pointed by the author, we noticed that, in the interpretation of a metaphoric sentence, semantic categories and combination of semantic categories are activated. The research hypotheses are reassured, that is, we noticed the existence of regularities of interpretation in the metaphors which present vehicles belonging to the same paradigm (or semantic category). In this case, it was possible to notice that the regularity which can be identified when metaphor is used with change of state verbs corresponds to the result of the verbal action. It was also possible to verify that metaphor creates something new with a cognitive status from the language concept net. Due to the results, we claim the following formula for metaphors used with change of state verbs: [TOPIC (X) + VEHICLE (change of state verb) ? (Paraphrase = relevant dimension of the verbal process = resultative state).

KEY-WORDS: metaphor; interpretation; lexicon.

I INTRODUÇÃO

A metáfora tem sido delimitada como objeto de estudo não só da Lingüística, mas também de outras áreas da ciência, tais como Filosofia e Psicologia. No campo da Lingüística, a Semântica, tradicionalmente compreendida como a disciplina que estuda o significado, tem tentado analisar questões concernentes a este tema. Esta tarefa de compreender a metáfora não é nada simples, nem mesmo para os semanticistas. Vários estudos sobre este assunto são apresentados ao longo da história da Semântica, da Filosofia e da Psicologia, o que acarreta diferentes posturas metodológicas ao se lidar com a explicação sobre o uso metafórico.

Neste artigo, de acordo com a perspectiva apresentada por Moura (2007), tenta-se defender que o uso metafórico é guiado por certos padrões lingüísticos que envolvem relações paradigmáticas e sintagmáticas. Aqui, apresenta-se a descrição desses padrões (relações paradigmáticas e sintagmáticas) de vinte ocorrências metafóricas que apresentam os verbos *congelar* e *engessar*. Essas metáforas fazem parte de um *corpus* de noventa exemplos reais, retirados da *web*, de metáforas com verbos de mudança de estado³. A análise e a descrição das relações paradigmáticas e sintagmáticas das sentenças metafóricas com verbos de mudança de estado são realizadas com base nos seis passos do modelo interacionista de Moura (2007).

Apresentam-se, neste artigo, duas hipóteses de trabalho que são levantadas neste estudo. A primeira hipótese de trabalho é a de que, nas metáforas que apresentam veículos pertencentes a um mesmo paradigma (ou categoria semânti-

3 Segundo Bechara (1977, p. 11) e Hernandez (Disponível em: <<http://www.paulohernandes.pro.br/dicas/001/dica105.html>>. Acesso em: 1º jul. 2007), os verbos de mudança de estado são tipicamente conhecidos na Gramática Tradicional como verbos causativos ou factivos. Esses verbos têm a função de indicar que o sujeito faz com que o objeto faça ou torne-se alguma coisa. Segundo Van Valin e Lapolla (1997), esses verbos podem ser representados assim: (agente CAUSA (paciente MUDANÇA DE ESTADO)).

ca), podem ser identificadas regularidades na interpretação. A segunda hipótese é a de que a regularidade que pode ser encontrada no uso das sentenças metafóricas com verbos de mudança de estado pode estar baseada no resultado da ação verbal e não na forma ou no aspecto dessa ação. Essas duas hipóteses fundamentam-se na analogia e nos resultados prévios apontados por Moura.

O objetivo central deste estudo, apresentado neste artigo, é propor um tipo combinatório de metáforas com verbos de mudança de estado, a partir da descrição e da análise de metáforas desse tipo. Considerando-se o objetivo, as hipóteses e a metodologia adotada, organizou-se este artigo em mais cinco seções. A seção 2, inicialmente, esboça um breve panorama sobre algumas abordagens que tentam explicar o que é metáfora e tem como meta buscar uma explicação plausível à metáfora. Na seção 3, como aporte teórico à análise aspirada, apresenta-se, brevemente, a resenha da leitura dos seguintes autores: Black (1962; 1993) e Kittay (1987). Na seção 4, apresenta-se a perspectiva e a metodologia adotada por Moura (2007). Nesta seção, revisa-se, também, a dicotomia saussuriana relações paradigmáticas *versus* relações sintagmáticas. Na seção 5, descrevem-se e analisam-se metáforas, de acordo com a metodologia de Moura. E, por fim, na seção 6, discutem-se os principais resultados obtidos.

2 METÁFORA: EM BUSCA DE UMA EXPLICAÇÃO

Introduz-se esta seção com a etimologia da palavra 'metáfora': o vocábulo deriva dos termos gregos *metha* – que quer dizer *mudança* – e *phòra* – que significa *levar, conduzir*. Logo, metáfora, de acordo com essas acepções, quer dizer *levar ou conduzir a mudanças*.

A Gramática Tradicional, por sua vez, prega que a metáfora é uma figura de estilo, que "consiste [...] no emprego de um termo que se associa a outro ou que o substitui, baseando-se numa comparação de ordem pessoal e subjetiva" (FARACO; MOURA, 1997, p. 133).

Glucksberg (2001) propõe que a metáfora seja uma asserção de categorização. E Gentner (1983) sustenta que as metáforas exploram analogias estruturais entre os conceitos dos itens lexicais que ocorrem como tópico e veículo numa metáfora. Ambas as teorias se enquadram na visão interacionista.

De acordo com a visão interacionista de Max Black (1962; 1993), algumas metáforas podem ser criadoras e geradoras de novos significados sobre o mundo. O autor rejeita a idéia de que seja possível identificar, para cada declaração metafórica, uma declaração literal equivalente. Black afirma que algumas metáforas podem ser vistas como *insights* cognitivos. Já Moura (2007, p. 417) defende que “a força cognitiva da metáfora está em garimpar no velho (paradigmas e sintagmas pré-definidos) o novo (a carga cognitiva de uma metáfora)”.

Em relação às abordagens apresentadas, principalmente tomando-se como base as considerações de Black e de Moura, entendemos que uma metáfora é inovadora, que ela cria e gera novas significações e que ela oferece *insights* cognitivos. Embora existam posicionamentos contrários a essas afirmações apresentadas, é certo que alguma coisa nova surge da metáfora, isto é, a junção de elementos distintos aponta para um terceiro termo/elemento. Por exemplo, na sentença (I) *Meu professor é uma cobra*, a junção dos dois elementos, [(professor) + (cobra)], faz surgir um terceiro elemento: traição, perigo. Desta maneira, levando-se em conta a visão interacionista de Black de que a metáfora cria algo novo com *status* cognitivo, e a consideração de Moura de que o novo (carga cognitiva da metáfora) é buscado no velho (rede conceptual da linguagem), propõe-se uma explicação à metáfora. Isto é, advoga-se que a metáfora cria, aciona, gera alguma coisa nova que apresenta *status* cognitivo, a partir da rede conceptual da linguagem, ou seja, a partir do agrupamento, da combinação de categorias de palavras que a linguagem permite realizar.

3 PERSPECTIVA INTERACIONISTA

A Teoria Interacionista da metáfora foi originalmente desenvolvida por Max Black. Black (1962; 1993) afirma que essa teoria situa a metáfora no interior da linguagem, mas defende também que a metáfora é uma asserção com *status* próprio, que exprime um conteúdo cognitivo *per si*. Desta maneira, sobre esse assunto, Finger (1996, p. 50) aponta que

Black designa uma forte função cognitiva às metáforas. Segundo ele, as metáforas funcionam como instrumentos cognitivos que nos habilitam a perceber certos aspectos da realidade ou revelam conexões entre fatos que a própria construção da metáfora ajuda a criar. Assim, as metáforas funcionam como uma espécie de lente que nos induz a ver o mundo sob uma determinada perspectiva.

De acordo com essa teoria, a interpretação de uma sentença metafórica está ligada à interação de dois elementos que formam a metáfora: o tópico e o veículo. Observe:

(2) Teu celular	/	é um brinco.
↓		↓
Tópico		Veículo

Numa metáfora, o tópico é o elemento ou a entidade da qual se fala; já o veículo é a entidade que predica algo sobre o tópico. A Teoria Interacionista tenta capturar na própria linguagem os recursos e as regras que permitem a criação de metáforas. Para Black (1993, p. 27), o sentido das palavras nas sentenças metafóricas está ligado ao sistema de lugares comuns associados. Ele sustenta que a questão do sistema de lugares comuns associados está concernente ao que Aristóteles denominou *endoxa*⁴. Outra suposição do autor é que as metáforas estejam relacionadas aos estereótipos.

Finger (1996) aponta que, para Black, há um complexo de implicações⁵ associado a cada um dos conteúdos, primá-

4 Opiniões correntes da comunidade sobre um dado conceito. (cf. BLACK, 1993, p. 28; KITTAY, 1987, p. 32).

5 Os conceitos sistema de lugares comuns associados e complexo de implicações, introduzidos por Black (1962; 1993),

rio e secundário. A autora ressalta que, para esse estudioso, só é possível interpretar uma sentença metafórica “[...] porque o ouvinte projeta sobre o complexo implicativo do conteúdo primário, as implicações que seriam predizíveis do conteúdo secundário” (p. 49). Segundo a autora, “em uma metáfora do tipo S é P (...) o falante seleciona e organiza os aspectos do conteúdo primário (P) que podem ser atribuídos, pelo menos em parte, ao conteúdo secundário (S)” (p. 49). Escreve, ainda, que Max Black defende

[...] que essa interação ocorre na mente dos interlocutores no diálogo. Em um contexto metafórico, os dois conteúdos interagem da seguinte forma: ao perceber a presença do conteúdo primário, o ouvinte seleciona algumas das propriedades do conteúdo secundário que o ajudam a construir um complexo de implicações paralelo; esse complexo de implicações paralelo, ao mesmo tempo que induz mudanças no conteúdo secundário, adapta-se facilmente ao primário. (FINGER, 1996, p. 49).

Black (1993) parece acreditar que as metáforas geram novos significados e, por isso, não aceita a idéia de que seja possível encontrar, para cada sentença metafórica, um sentido literal de igual valor. Portanto, sustenta que uma metáfora não pode ser completamente parafraseada.

Kittay (1987, p. 22-23) também segue a tradição interacionista. A autora passou a dar ênfase ao termo *perspectiva*, o qual considerou muito preciso ao desenvolver seus estudos. Passou a denominar a sua teoria da interação de Teoria da Perspectiva. Apresenta seis características principais para o interacionismo, isto é, advoga que: (a) metáforas são sentenças, não palavras isoladas; (b) uma metáfora consiste em dois componentes; (c) há uma tensão entre esses dois componentes; (d) esses componentes precisam ser entendidos como sistemas; (e) o significado de uma metáfora surge da interação desses componentes; e (f) o significado de uma metáfora é irredutível e cognitivo.

dizem respeito às características selecionadas e atribuídas a cada um dos conteúdos primário e secundário.

Kittay (1987, p. 36) alega que, numa metáfora, podem ser transferidos conceitos do campo do veículo ao campo do tópico. Esses conceitos podem apresentar características de afinidade ou não. Mas, assim como Black, a autora defende que não é possível parafrasear de maneira completa uma metáfora, e sustenta, também, que a metáfora exprime um conteúdo cognitivo. Para ela, um sistema conceptual requer uma linguagem. Argumenta, inclusive, que, sem a linguagem, não se é capaz de formar metáforas e nem mesmo de pensar metaforicamente.

De acordo com a perspectiva de Black e Kittay, na tentativa de desenvolver um estudo consistente sobre a interpretação da metáfora, assume-se a posição de que a interação que ocorre entre o conteúdo lexical do tópico e o do veículo é importante e fundamental para que se possa alcançar uma interpretação plausível. Concorda-se com a visão interacionista de Black e Kittay de que, estruturalmente, a metáfora é constituída por dois componentes, tópico e veículo, e de que a interpretação de uma metáfora depende da interação desses dois elementos. Admite-se que esses autores, ao rejeitarem a idéia de que é possível encontrar para cada metáfora uma interpretação literal com igual valor, isto é, uma paráfrase equivalente, estejam apresentando uma proposta considerável. Por exemplo, pensando nessa questão, ao se considerar a metáfora em (3) *Namorei meus livros dois anos para escrever uma dissertação*, não é possível identificar uma expressão substituta (paráfrase) que carregue todo o sentido da metáfora original. Então, dizer que a sentença metafórica (3) significa o mesmo que (3a) *Estudei muito, li muito durante dois anos, para escrever um texto* ou (3b) *Por dois anos, estive em contato direto com meus livros para conseguir escrever um projeto*, é arriscado. Embora sejam interpretações aceitáveis para a metáfora (3), as sentenças (3^a) e (3b) são paráfrases que não conseguem capturar todos os sentidos que a sentença inicial expressa; logo, essas paráfrases são apenas alternativas por meio das quais se tenta pressupor o sentido da sentença metafórica inicial.

4 PERSPECTIVA INTERACIONISTA DE MOURA (2007)

Moura (2007) considera a metáfora como tipo, isto é, sustenta que uma ocorrência metafórica está relacionada a um tipo que define em parte a interpretação de uma metáfora. Para o autor, o uso metafórico é regido por certos padrões lingüísticos que envolvem relações paradigmáticas e sintagmáticas, as quais podem guiar a interpretação da metáfora. O autor investiga a sistematicidade da metáfora no plano da representação lingüística. Portanto, explicar a metáfora como tipo é investigar a sistematicidade interna da metáfora, em que se analisam quais fatores internos à estrutura léxico-conceptual dos constituintes da sentença metafórica levam à interpretação. Na proposição de Moura, a sistematicidade interna contribui para que se possa realizar uma descrição detalhada dos tipos de metáforas e mostrar, minuciosamente, a interação entre tópico e veículo de uma sentença metafórica, que é fundamental para a interpretação de uma metáfora.

4.1 Metodologia adotada por Moura (2007)

Moura sustenta que o uso de metáforas está ancorado em regras e padrões de natureza lingüística. Ele descreveu os padrões lingüísticos que envolvem relações paradigmáticas e sintagmáticas, a partir de exemplos reais, coletados na *web*, de metáforas com verbos de mudança de estado. O autor propõe duas questões que postulam a sua análise: 1ª questão: o uso de ocorrências metafóricas explora a estrutura léxico-conceptual da linguagem; 2ª questão: há tipos de metáforas que apresentam relações paradigmáticas e relações sintagmáticas bem definidas, que podem guiar a interpretação. Neste caso, o uso da metáfora é sistemático.

A metodologia elaborada por Moura (2007) contou com a colaboração da autora deste artigo, e está centrada nas duas questões anteriormente citadas, para que seja desenvolvida uma investigação segura. Esta metodologia de análise de dados segue os seguintes passos:

a) 1º passo: Antes de tudo, deve-se selecionar uma categoria semântica para investigação. Essa categoria pode ser verbal ou nominal e deve ocupar o lugar de veículo da metáfora.

b) 2º passo: Em seguida, ressalta-se que um paradigma (categoria semântica) – como, por exemplo, a categoria dos verbos – é bastante vasta, grande e variada. Nesse caso, é necessário organizar um subconjunto da categoria selecionada.

c) 3º passo: Aqui, a proposta é usar ferramentas de busca na *web* (como o Google), mecanismo de análise de dados já testado na literatura (cf. FELLBAUM, 2005). Por meio deste método de pesquisa, são coletados exemplos de sentenças metafóricas reais e contextualizados. É certo que os resultados obtidos nesta pesquisa não serão exaustivos e nem quantificáveis, pois *novas* sentenças metafóricas podem aparecer a todo momento na *web*.

d) 4º passo: Agora, devem-se identificar paráfrases aceitáveis. As paráfrases serão limitadas, pois, de acordo com Black (1993) e Kittay (1987), pode-se argumentar que uma metáfora nunca é completamente parafraseável. As interpretações devem respeitar as pistas dadas pelo contexto lingüístico de cada ocorrência metafórica.

e) 5º passo: Neste penúltimo passo, devem-se analisar as correlações existentes entre as classes de interpretação (paráfrases) e o tipo de palavra que ocupa o lugar de tópico em uma sentença metafórica. A classe semântica do tópico com base em cada conjunto de paráfrases (a classe semântica do tópico será o hiperônimo dos termos que atuam como tópicos) deve ser identificada. Neste passo, buscam-se relações sintagmáticas, isto é, estabelecem-se generalizações a partir de ocorrências de metáforas com o mesmo item lexical na posição de veículo.

f) 6º passo: Finalmente, tenta-se obter uma generalização maior que a obtida no 5º passo. Deve-se testar se a mudança de um item lexical por um outro item, dentro de um mesmo paradigma, muda ou não as interpretações das rela-

ções sintagmáticas, para se obter uma generalização maior. Se for obtida uma generalização, propõe-se postular um tipo de metáfora que deve se aplicar a todos os itens lexicais de um paradigma. Moura sustenta que a construção de um tipo de metáfora depende dos seguintes elementos: classes semânticas do tópico, classes semânticas do veículo, paráfrase (interpretação mais provável, mais relevante abstraída da sentença metafórica, levando em conta o contexto lingüístico da sentença e a interação do tópico e do veículo da metáfora) e dimensão relevante do tópico.

Uma observação se faz necessária aqui: somente depois de concluída a análise de todos os itens lexicais apresentados no 2º passo é que o 6º poderá ser colocado em prática. Portanto, a análise de cada item lexical definido no 2º passo sempre será realizada a partir do 3º até o 5º passo.

4.2 Relações paradigmáticas e relações sintagmáticas

Antes de dar continuidade à exposição da Perspectiva Interacionista de Moura (2007), é preciso recapitular um assunto de extrema importância para este estudo: relações paradigmáticas e sintagmáticas.

Saussure (1977, p. 143) sustenta que, fora de um discurso, as palavras que apresentam algo em comum se associam na memória, formando grupos dentro dos quais podem ocorrer relações variadas. Lopes (1989, p. 90), concordando com Saussure, propõe que, em um texto ou em uma declaração ou mensagem, os elementos componentes só terão sentido completo se forem correlacionados, na memória da língua, a outros elementos lingüísticos com os quais podem formar um sistema. Na memória, os elementos da língua nunca aparecem isolados, mas agrupados. Esses elementos se associam, porque apresentam traços lingüísticos comuns entre si, formando conjuntos. Cada uma dessas classes pode formar um paradigma. Por exemplo, numa categoria semântica verbal, mais precisamente, numa categoria de verbos de mudança de estado, itens lexicais como 'engessar', 'congelar', 'arquivar', entre outros, formam um paradigma e são substituíveis e

comutáveis entre si, podendo ocupar o mesmo ponto numa mesma frase. Isso quer dizer que, numa metáfora como (4) *Arquivei o passado*, os itens lexicais ('engessar' e 'congelar', entre outros) podem ocupar a posição do verbo arquivar, já que esses itens lexicais fazem parte do mesmo paradigma ou da mesma categoria semântica.

Saussure (1977, p. 142) considera que, "[...] no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encaideamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo". Esses elementos, numa mesma cadeia da fala, alinham-se um após o outro, combinando-se. Essas combinações são denominadas sintagmas. Dessa forma, um sintagma pode se compor de duas ou mais unidades consecutivas. Por exemplo, nas metáforas, a combinação linear das unidades contrastantes que ocupam a posição de tópico e veículo forma uma relação sintagmática.

4.3 Resultados prévios alcançados por Moura (2007)

Moura optou por investigar a categoria de verbos de mudança de estado. Esse procedimento diz respeito ao primeiro passo. Para efetuar o 2º passo, selecionou os verbos 'explodir', 'arquivar' e 'congelar'. Definidos os dois primeiros passos, o autor pesquisou na *web* ocorrências metafóricas com os três itens lexicais selecionados no segundo passo e, em seguida, desenvolveu os demais passos.

A partir de um *corpus* de metáforas com verbos de mudança de estado, Moura concluiu que as paráfrases dependem do conteúdo lexical de cada verbo. Deduziu, de maneira provisória e apenas como tentativa de análise, que há um elemento comum nas paráfrases, que é o estado resultativo do processo verbal. Ressaltou que esse elemento comum é o que caracteriza um verbo de mudança de estado no seu sentido literal. Além de propor que a interpretação de uma metáfora está relacionada a um tipo, propôs também que a interpretação de uma metáfora se dá em dois níveis. No primeiro nível, é realizada a identificação do tipo a que a metáfora pertence.

E no segundo nível, a relação sintagmática, que contém o conteúdo lexical do tópico e do veículo, dá valor específico à interpretação indicada pelo tipo de metáfora. Por exemplo, ao se interpretar a metáfora (5) *Congelei um pensamento bom*, primeiramente, identifica-se o tipo de metáfora – neste caso, trata-se de uma metáfora com verbo de mudança de estado – e, depois, identifica-se a relação sintagmática. Assim, nessa metáfora (5), tem-se a relação [TÓPICO (ação/plano voltados para uma meta) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)], alcançando-se, então, uma paráfrase condizente.

Foi necessário que um número maior de dados fosse analisado e descrito para que os resultados de Moura fossem entendidos como condizentes e confiáveis. É importante ressaltar que os resultados prévios apontados por Moura foram identificados pela autora deste artigo ao analisar e descrever um *corpus* de noventa metáforas com os seguintes verbos de mudança de estado: ‘afugentar’, ‘arquivar’, ‘bombardar’, ‘congelar’, ‘engessar’, ‘esquentar’, ‘ferver’, ‘galvanizar’ e ‘mumificar’. Este é um *corpus* bem maior quando comparado ao de Moura. A seguir, apresenta-se a descrição e a análise de vinte metáforas com verbos de mudança que fazem parte do *corpus* das noventa metáforas descritas e analisadas por Fossile (2008).

5 ANÁLISE DO CORPUS COLETADO – VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADO

Primeiramente, foram seguidos três passos:

- a) 1º passo: examinar verbos de mudança de estado;
- b) 2º passo: utilizar os verbos ‘congelar’ e ‘engessar’ como veículos de metáforas;
- c) 3º passo: retirar da *web* exemplos de ocorrências metafóricas com os verbos ‘congelar’ e ‘engessar’ na posição de veículo das sentenças metafóricas.

5.1 Análise e descrição das metáforas com o verbo ‘congelar’

Apresenta-se, abaixo, o *corpus* dos dez exemplos metafóricos retirados da *web*:

- (6) Querem **congelar** o Espiritismo!⁶
- (7) Para sair do banho... Luciana precisava **congelar** um pensamento bom na mente.⁷
- (8) Outro momento lá atrás que **congelaria** é quando eu ganhei as “Olimpíadas de Matemática do Estado de São Paulo”...⁸
- (9) **Congelaria** um momento de descoberta... Aliás não congelaria não...⁹
- (10) **Congelaria** a emoção de amar com toda intensidade... Não congelaria não...¹⁰
- (11) Modelos, atrizes e alunas fazem parte das fotografias de Silveira, que abusou de sua capacidade de preparar atores – como Ana Paula Arósio, Déborah Secco, Fábio Assunção e Marisa Orth – para fotografar e **congelar** eternamente a emoção do momento.¹¹
- (12) Fotografar é **congelar** o tempo com emoção.¹²

6 Disponível em: <<http://www.redevisao.com/html/alamarespirita/naofalarcomespiritos.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2007.

7 Disponível em: <<http://scotty.ffclrp.usp.br/periodicos/veja/Mentes%20queaprisionam.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2007.

8 Disponível em: <http://www.blogtematico.blogspot.com.br/2005_08_28_archive.html>. Acesso em: 9 jul. 2007.

9 Disponível em: <http://www.blogtematico.blogspot.com.br/2005_08_28_archive.html>. Acesso em: 9 jul. 2007.

10 Disponível em: <http://www.blogtematico.blogspot.com.br/2005_08_28_archive.html>. Acesso em: 9 jul. 2007.

11 Disponível em: <http://www.geleiageral.com.br/gratis/beto_silveira.htm>. Acesso em: 9 jul. 2007.

12 Disponível em: <<http://www.fotografos.com.br/fotografo.asp?id>>. Acesso em: 9 jul. 2007.

(13) Eu queria poder **congelar** tudo o que aconteceu...¹³

(14) Não mais **congelar** o medo.¹⁴

(15) ... **Congelar** o tempo antes da morte...¹⁵

No desenvolvimento do 4º passo, identificaram-se três classes de interpretação no *corpus* analisado. Isto é, a paráfrase *paralisar/imobilizar*, a paráfrase *registrar/guardar* e a paráfrase *armazenar/ter*. Moura (2007), ao realizar sua análise das metáforas com o verbo 'congelar', identificou duas classes de interpretação: encontrou a classe *não implementar/suspender*, que não foi identificada no *corpus* apresentado, e a classe *paralisar/imobilizar*, que foi encontrada no *corpus* investigado.

A classe de interpretação *paralisar/imobilizar* foi identificada nas metáforas (6), (8), (9), (10), (13) e (15). Em (6), de acordo com o contexto lingüístico dessa metáfora, interpretou-se que alguém ou um grupo de pessoas deseja imobilizar/paralisar a evolução da religião denominada Espiritismo. Levando-se em conta o contexto lingüístico da metáfora (8), compreendeu-se que uma aluna deseja paralisar/imobilizar o momento em que ganhou as olimpíadas de matemática. A ocorrência (9) faz referência à paráfrase → 'imobilizar/paralisar um momento de descoberta', e a sentença (10) faz referência à paráfrase → 'paralisar/imobilizar a emoção de amar'. Em (13), compreendeu-se que alguém gostaria de imobilizar/paralisar tudo o que aconteceu. E, por fim, a metáfora (15) faz referência à paráfrase → 'paralisar/imobilizar o tempo antes da morte'.

13Disponível em: <<http://www.prettiestthing.weblogger.com.br>>.

Acesso em: 9 jul. 2007.

14 Disponível em: <<http://gloria.lettras.terra.com.br/lettras/206417>>. Acesso em: 9 jul. 2007.

15 Disponível em: <http://www.ronaldperet.com.br/humanus_onstage.htm>. Acesso em: 9 jul. 2007.

Já a classe de interpretação *registrar/guardar* foi encontrada nas metáforas (11) e (12). Na metáfora (11), compreendeu-se que Silveira fotografa e registra eternamente a emoção do momento. Em (12), entendeu-se que fotografar é registrar o tempo com emoção.

Finalmente, a classe de interpretação *armazenar/ter* foi identificada nas metáforas (7) e (14). Em (7), entendeu-se que Luciana, para sair do banho, precisava armazenar/ter um pensamento bom na mente, pois nessas horas só pensava em coisas ruins. E em (14), compreendeu-se que alguém não quer mais desperdiçar lágrimas, nem se achar perdido ou idiota, e nem ter medo. Ao se interpretar essas sentenças metafóricas, observou-se que os sentidos metafóricos (paralisar/imobilizar, registrar/guardar e armazenar/ter) se relacionam com o sentido literal do verbo congelar (= fazer passar um líquido ao estado sólido; transformar-se em gelo, solidificar-se – cf. FERREIRA, 2004, p. 257). Dessa forma, literalmente, congelar algo é transformar algo em gelo, é solidificar, conservar algo em determinado estado, e esse sentido de conservação de estado, nessas metáforas analisadas, parece ser capturado pelo sentido metafórico.

Concluído o 4º passo, desenvolveu-se o 5º. Nas metáforas em que foi encontrada a paráfrase *paralisar/imobilizar*, identificaram-se os seguintes tópicos: *espiritismo*, na metáfora (6); *momento*, na metáfora (8); *momento de descoberta*, na metáfora (9); *emoção*, na metáfora (10); *tudo*, na metáfora (13); e *tempo*, na metáfora (15). Ao se analisar todos os tópicos destacados, o contexto lingüístico em que cada tópico está inserido e a paráfrase *paralisar/imobilizar* identificada nas metáforas de que esses tópicos fazem parte, concluiu-se que esses termos pertencem a classes semânticas (hiperonímias) distintas. Isto é, o tópico *espiritismo* pertence à classe das *religiões* – neste caso, esta é a classe semântica (hiperonímia) que pode representar esse tópico, pois o Espiritismo é uma religião. Já os tópicos *momento*, *momento de descoberta* e *tempo* pertencem à classe *período de tempo* – dessa maneira, esta é a classe semântica (hiperonímia) que

pode representá-los. O tópico *emoção* pertence à classe semântica (hiperonímia) da *sensação*, pois este termo designa sensações que são despertadas (como amor, ódio e paixão, entre outras). Já o tópico *tudo* pertence à classe da *indefinição*; pois 'tudo' não designa algo determinado e claro, mas, sim, algo vago.

Ao se analisar essas variadas classes semânticas (hiperonímias) e a paráfrase *imobilizar/paralisar*, deduziu-se que a dimensão relevante dos tópicos é *duração*. A partir da análise realizada das dez metáforas apresentadas, construíram-se quatro relações sintagmáticas para essas ocorrências metafóricas. Geralmente, quando se tiver estes tipos de metáforas: (a) [TÓPICO (religião) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)]; (b) [TÓPICO (período de tempo) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)]; (c) [TÓPICO (sensação) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)]; e (d) [TÓPICO (indefinição) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)], a paráfrase que se sobressai é *paralisar/imobilizar*.

Já nas metáforas em que se encontrou a paráfrase *registrar/guardar*, destacaram-se os tópicos: *a emoção*, na metáfora (11), e *o tempo*, na metáfora (12). Levando em conta a análise realizada das sentenças (8), (9), (10) e (15), a análise dos dois tópicos destacados, o contexto lingüístico de que os tópicos fazem parte e a paráfrase encontrada nas metáforas em que eles estão inseridos, deduziu-se que o primeiro tópico (*emoção*) pertence à classe semântica (hiperonímia) de *sensação*, e o segundo tópico (*tempo*) pertence à classe que faz referência ao *período de tempo*. Ao se relacionar essas classes semânticas (hiperonímias) com a paráfrase *registrar/guardar*, concluiu-se que *vivência* é a dimensão relevante dos tópicos. As relações sintagmáticas construídas para essas metáforas são as seguintes: (a) [TÓPICO (sensação) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)] e (b) [TÓPICO (período de tempo) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)].

A partir da investigação desenvolvida, chegou-se à conclusão de que o tópico *tempo*, dependendo do contexto lingüístico de que faz parte, pode ser interpretado de maneira diferente. Isto é, de acordo com as pistas dadas pelo contexto lingüístico do exemplo (15), o tópico *tempo* pode ser paralisado/imobilizado, metaforicamente; e de acordo com o contexto da sentença (12), o *tempo* pode ser registrado/guardado, metaforicamente. Por isso, todas as vezes que se realiza a interpretação de uma sentença metafórica e a identificação da paráfrase específica, deve-se levar em conta o contexto lingüístico e a interação do tópico e do veículo da sentença em questão.

E, por fim, nas metáforas em que se identificou a paráfrase *armazenar/ter*, encontraram-se os tópicos: *um pensamento bom*, na metáfora (7), e *medo*, na metáfora (14). Dessa forma, concluiu-se que o tópico *um pensamento bom* pertence à classe semântica (hiperonímia) de *ação/plano voltados para uma meta*, pelo fato de esse tópico fazer referência à ação de pensar em algo com um propósito bom. Já o tópico *medo* corresponde à classe semântica (hiperonímia) da *sensação*, pois esse termo designa uma sensação de inquietação, de temor ante a vivência de uma ameaça real ou imaginária. Relacionando-se essas classes semânticas (hiperonímias) com a paráfrase em questão, deduziu-se que *vivência* é a dimensão relevante desses tópicos. As relações sintagmáticas construídas para essas metáforas podem ser representadas da seguinte maneira: (a) [TÓPICO (ação/plano voltados para uma meta) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)] e (b) [TÓPICO (sensação) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: congelar)]. Geralmente, a paráfrase *armazenar/ter* é a classe de interpretação mais provável e condizente que se pode identificar nesses tipos de metáforas.

5.2 Análise e descrição das metáforas com o verbo 'engessar'

Coletaram-se, na *web*, dez metáforas com o verbo 'engessar':

- (16) Para Carrion, nenhuma forma de gestão pode **engessar** a luta social e popular e nem desresponsabilizar o governo...¹⁶
- (17) Nunca admiti, como professor titular de direito constitucional da Universidade Mackenzie e comentarista da Constituição Federal, que brasileiros do passado pudessem **engessar** o futuro da nação, tornando imodificável disciplina que, no momento da elaboração da Carta Política, entenderam ser a melhor para o país.¹⁷
- (18) A idéia de enquadrar e **engessar** idéias autônomas, independentes e criativas que deram muito certo é história antiga, agora parece ser a vez dos catadores de recicláveis.¹⁸
- (19) A idéia do planejamento não é **engessar** sua vida, muito pelo contrário ...¹⁹
- (20) Eles querem **engessar** um juiz de 1ª Instância.²⁰
- (21) É imediatamente taxado de inimigo do progresso, contrário ao desenvolvimento, alguém que quer **engessar** a Amazônia.²¹

16 Disponível em: <http://www.ongcidade.org/site/noticias/noticias_completaidNoticias>. Acesso em: 3 jul. 2007.

17 Disponível em: <<http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=291102>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

18 Disponível em: <<http://panoptico.wordpress.com/2007/05/14/para-andrea-matarazzo-catadores-sao-problema>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

19 Disponível em: <<http://chat04.terra.com.br:9781/henriqueflory.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

20 Disponível em: <<http://www.tacrim.sp.gov.br:9781/henriqueflory.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

21 Disponível em: <<http://www.ssps.org.br/JUPIC/Esporadico/cartasol.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

- (22) Ainda não existe súmula vinculante sobre o tema, capaz de **engessar** o poder de interpretação do juiz.²²
- (23) Não defendo a reserva de mercado da língua portuguesa, pois tentar **engessar** um idioma é o mesmo que condená-lo à morte.²³
- (24) Dessa forma cria-se um impasse, porque o Estado não teria condições de fazer os seus registros, o que iria **engessar** as ações, explicou a assessoria de imprensa.²⁴
- (25) **Engessar** a felicidade daquela mulher.²⁵

Concluída a busca, na *web*, de metáforas com o verbo 'engessar', colocou-se em prática o 4º passo. Passou-se a identificar as classes de interpretação mais prováveis e condizentes no *corpus* examinado. Ao se analisar o contexto lingüístico, o veículo e o tópico de cada metáfora do *corpus* apresentado, identificaram-se duas paráfrases nesse conjunto de ocorrências metafóricas: a paráfrase *impedir de agir/de executar* e a paráfrase *impedir de prosperar/de evoluir*.

Nas metáforas (16), (20), (22) e (24), encontrou-se a paráfrase *impedir de agir/de executar*. Nesse caso, em (16), faz-se a leitura de que nenhuma forma de gestão pode impedir a luta social e popular de agir, de executar algo. A metáfora (20) faz referência à paráfrase → 'eles querem impedir o juiz de agir, de executar algo'. Já a metáfora (22) faz referên-

22 Disponível em: < <http://www.amab.com.br/marcosbandeira/sentencas.php?cod=56>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

23 Disponível em: < <http://www.teclasap.com.br/boletim/edanteriores/infotainment262.shtml>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

24 Disponível em: < <http://www.mp.mt.gov.br/noticias.php?>> . Acesso em 3 jul. 2007.

25 Disponível em: < <http://www.terra.com.br>>. Acesso em: 3 jul. 2007.

cia à interpretação → 'não existe súmula vinculante sobre o tema, capaz de impedir o juiz de agir, de executar, de colocar em prática seu poder de interpretação'. E, por fim, na metáfora (24), compreende-se que o Estado não teria condições de fazer seus registros e isso impediria que as ações fossem executadas e colocadas em prática.

Nas metáforas (17), (18), (19), (21), (23) e (25), encontrou-se a paráfrase *impedir de prosperar/de evoluir*. Diante da análise realizada, captou-se que a metáfora (17) faz referência à paráfrase → 'nunca admiti que brasileiros do passado pudessem impedir que o futuro da nação prospere e evolua'. Na ocorrência metafórica (18), faz-se a leitura de que a idéia de enquadrar e impedir que idéias autônomas, independentes e criativas prosperem e evoluam é história antiga. A metáfora (19) corresponde à paráfrase → 'a idéia do planejamento não é impedir que sua vida prospere e evolua'. Na metáfora (21), entende-se que é taxado de inimigo do progresso, contrário ao desenvolvimento, alguém que quer impedir que a Amazônia (termo compreendido como região territorial ou entendido como a população da Amazônia) prospere e evolua. Esse é um caso de polissemia lógica²⁶. Já na metáfora (23), compreende-se que impedir que um idioma prospere e evolua é o mesmo que condená-lo à morte. E, finalmente, a metáfora (25) diz respeito à paráfrase → 'impedir que a felicidade da mulher prospere e evolua'. No decorrer da análise desenvolvida desse *corpus* de metáforas, deduziu-se que os sentidos metafóricos (impedir de agir/de executar e impedir de prosperar/de evoluir) estão relacionados ao sentido literal do verbo engessar (= cobrir de gesso, colocar gesso sobre, para atar fratura – cf. FERREIRA, 2004, p. 350). Pois, literalmente, colocar gesso

26 Segundo Pustejovsky (1995, p. 28), polissemia lógica é um tipo de ambigüidade complementar que não causa mudança de categoria lexical e os vários sentidos que uma palavra possui são significados dependentes e compartilhados. Com base em Pustejovsky, as alternâncias que sistematicamente ocorrem em nomes podem ser analisadas e descritas como casos de polissemia lógica.

sobre um braço ou uma perna é impedir que esses membros se movam. Logo, é possível observar, a partir do *corpus* analisado, que essa idéia de impedimento de mobilidade é capturada e expressa pelo sentido metafórico.

Depois de desenvolver o 4º passo, desenvolveu-se o 5º. Neste caso, identificaram-se os tópicos das metáforas examinadas. Nas sentenças metafóricas que apresentam a paráfrase *impedir de agir/de executar*, identificaram-se os seguintes tópicos: *luta social e popular*, na metáfora (16), *juiz*, na metáfora (20), *o poder de interpretação do juiz*, na metáfora (22), e *ações*, na metáfora (24). Ao se analisar os tópicos destacados, o contexto lingüístico e a paráfrase das metáforas em que esses tópicos estão inseridos, chegou-se à conclusão de que eles pertencem à classe semântica (hiperonímia) de *atores e ações sociais*. O termo *atores* diz respeito às pessoas que atuam nos setores sociais, no caso dessas metáforas, o tópico *juiz* é um exemplo de ator social e a expressão *ações sociais* faz referência aos atos que são desenvolvidos na sociedade. De acordo com as metáforas (16), (22) e (24), os tópicos *luta social e popular*, *o poder de interpretação do juiz* e *ações*, respectivamente, são exemplos de ações sociais. Ao se analisar essa classe semântica (atores e ações sociais) e a paráfrase em evidência (*impedir de agir/de executar*), captou-se que *ação* é a dimensão relevante dos tópicos dessas metáforas, pois, de acordo com os exemplos metafóricos (16), (20), (22) e (24), impedir alguém de agir ou impedir que algo seja executado é realizar uma ação. Para essas quatro metáforas analisadas, construiu-se a relação sintagmática: [TÓPICO (atores e ações sociais) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: engessar)].

Nas metáforas (17), (18), (19), (21), (23) e (25), que apresentam a paráfrase *impedir de prosperar/de evoluir*, encontraram-se, respectivamente, os seguintes tópicos: *o futuro da nação*, *idéias*, *vida*, *Amazônia*, *idioma* e *felicidade*. Analisando o sentido literal dos tópicos encontrados, o contexto lingüístico em que eles estão inseridos e a paráfrase *impedir de prosperar/de evoluir*, que foi localizada nas metáforas em

que eles estão introduzidos, observou-se que os tópicos destacados pertencem a classes semânticas (hiperonímias) distintas. Nesse caso, o tópico *futuro da nação* pertence à classe *período de tempo*, porque faz referência ao tempo. O tópico *idéias* pertence à classe semântica (hiperonímia) de *ação/plano voltados para uma meta*, pois o termo *idéias* diz respeito a um propósito que deve ser planejado para que se possa alcançar, desenvolver um objetivo pretendido. O tópico *vida* pertence à classe semântica (hiperonímia) denominada *existência*, porque o termo *vida* corresponde ao fato de existir, de viver, de ser, de ter existência real. O tópico *Amazônia* pode pertencer à classe semântica (hiperonímia) de *espaço físico*, pois faz referência a lugar/local, ou pode também pertencer à classe *peçoas ou grupo de peçoas* (por metonímia) e, neste caso, faz referência à população da região. O tópico *idioma* pertence à classe *língua/idioma de uma nação*. Já o tópico *felicidade* pertence à classe semântica (hiperonímia) de *sensação*, pois designa a sensação de ser ou estar feliz, alegre, contente.

Ao se relacionar cada classe semântica (hiperonímia) identificada com a paráfrase *impedir de prosperar/de evoluir*, concluiu-se que *desenvolvimento* é, de fato, a dimensão relevante dos tópicos examinados, mesmo que eles pertençam a classes semânticas (hiperonímias) distintas. Tal como já abordado, foi analisando o contexto lingüístico das metáforas (17), (18), (19), (21), (23) e (25), em que se identificou a paráfrase *impedir de prosperar/de evoluir*, que, por sua vez, significa impedir que algo cresça, floresça, desenvolva-se. Nesse caso, deduziu-se que *desenvolvimento* é a dimensão mais condizente que pode ser identificada nesses exemplos metafóricos. Após a análise realizada, construíram-se seis relações sintagmáticas: (a) [TÓPICO (período de tempo) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: engessar)]; (b) [TÓPICO (ação/plano voltados para uma meta) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: engessar)]; (c) [TÓPICO (existência) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: engessar)]; (d) [TÓPICO (espaço físico e/ou peçoas ou grupo de peçoas (por

metonímia)) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: engessar)]; (e) [TÓPICO (língua/idioma de uma nação) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: engessar)]; e (f) [TÓPICO (sensação) + VEÍCULO (verbo de mudança de estado: engessar)].

5.3 Identificação de padrões regulares de interpretação

No 6º passo, buscou-se identificar padrões regulares nas relações sintagmáticas encontradas. Ressalta-se que o *corpus* analisado não permite nenhum resultado exaustivo e único. Porém, algumas hipóteses, já apontadas por Moura (2007, p. 444), novamente se confirmam. Isto é, por meio desta investigação, comprova-se que: (a) as metáforas não são interpretadas casualmente, mas existem padrões de interpretação que podem ser identificados nas diferentes ocorrências de metáforas com um mesmo item lexical que ocupa o lugar de veículo; e (b) as paráfrases que foram encontradas no 4º passo adaptam-se de modo bem regular às relações sintagmáticas que foram detectadas no 5º passo. Isto quer dizer que um determinado tipo de tópico de uma metáfora pode definir uma interpretação específica de um dado veículo.

Logo, questiona-se: e as generalizações sobre as relações sintagmáticas com os verbos 'congelar' e 'engessar' foram alcançadas? No total, obtiveram-se quinze relações sintagmáticas, isto é, oito para 'congelar' e sete para 'engessar'. Os tópicos dessas relações são variados, assim como as paráfrases.

QUADRO I – RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS DE METÁFORAS COM VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADO.

VEÍCULO	TÓPICO	PARÁFRASE
CONGELAR		
Congelar 1	Religião	Paralisar/immobilizar
Congelar 2	Período de tempo	Paralisar/immobilizar
Congelar 3	Sensação	Paralisar/immobilizar
Congelar 4	Indefinição	Paralisar/immobilizar
Congelar 5	Sensação	Registrar/guardar
Congelar 6	Período de tempo	Registrar/guardar
Congelar 7	Ação/plano voltados para uma meta	Armacenar/ter
Congelar 8	Sensação	Armacenar/ter
ENGESSAR		
Engessar 1	Atores e ações sociais	Impedir de agir/de executar
Engessar 2	Período de tempo	Impedir de prosperar/de evoluir
Engessar 3	Ação/plano voltados para uma meta	Impedir de prosperar/de evoluir
Engessar 4	Existência	Impedir de prosperar/de evoluir
Engessar 5	Língua/idioma de uma nação	Impedir de prosperar/de evoluir
Engessar 6	Espaço físico e/ou pessoas ou grupo de pessoas (por metonímia)	Impedir de prosperar/de evoluir
Engessar 7	Sensação	Impedir de prosperar/de evoluir

6 RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Quadro I, pode-se verificar que os tópicos e as paráfrases são bem variados e repetidos, resultado já apresentado por Moura (2007). As paráfrases identificadas nas metáforas com verbos de mudança de estado são dependentes do conteúdo lexical do verbo. Esse resultado também foi alcançado por Moura em seus estudos. Por exemplo, *retenção* é um traço que se destaca nas paráfrases das metáforas com o verbo 'arquivar'. Porém, essa "retenção" é interpretada de modo diferente em determinadas ocorrências metafóricas, isto é, ela é interpretada de acordo com o tópico da metáfora. Observe-se

as seguintes construções: (a) *arquivar assuntos* é o mesmo que *reter assuntos*, (b) *arquivar alegrias* é o mesmo que *reter alegrias* e (c) *arquivar decepções* é o mesmo que *reter decepções*. Percebeu-se, de acordo com a análise realizada, que *retenção* é, realmente, o traço que se destaca nos três exemplos metafóricos apresentados – (a), (b) e (c) –; porém, esse traço é interpretado de forma diferente em cada sentença metafórica por causa dos tópicos *assuntos*, *alegrias* e *decepções*, respectivamente. Portanto, na frase (a), o traço mais relevante é *retenção*, mas, por causa do tópico *assuntos*, esse traço é interpretado como *evitar*, *não abordar*. Na frase (b), novamente, o traço que se sobressai é *retenção*, mas, devido ao tópico *alegrias*, é interpretado como *guardar*, *registrar*. E na frase (c), *retenção* passa a ser interpretado como *suspender*, *deixar de lado*, por causa do tópico *decepções*. Dessa maneira, percebeu-se que as três paráfrases (evitar/não abordar; guardar/registrar; suspender/deixar de lado) estão relacionadas ao traço *retenção*, o qual diz respeito ao conteúdo lexical do verbo arquivar.

A partir de análise minuciosa, realizada a partir de um *corpus* de noventa metáforas (sendo vinte apresentadas neste artigo), pode-se confirmar que há um elemento comum em todas as paráfrases identificadas. Esse elemento comum é a existência de um “resultado específico” do processo verbal. E, como já explanado, essa é a característica principal de um verbo de mudança de estado no sentido literal. Qualquer verbo de mudança de estado apresenta esse resultado, que certamente varia de acordo com o conteúdo semântico de cada verbo. Diante da questão abordada sobre um resultado específico que basicamente todo verbo de mudança de estado acarreta, mostra-se, a seguir, um quadro adaptado de Moura (2007, p. 446).

QUADRO 2 – REPRESENTAÇÃO SEMÂNTICA DE VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADO (SENTIDO LITERAL).

Tema e/ou objeto e/ou paciente da ação verbal ? (estado resultativo v.)

No Quadro 2, de acordo com Moura (p. 446), o subscrito *v* representa que todo estado resultativo é concernente ao conteúdo semântico do verbo. De acordo com Pustejovsky (1995) e Chierchia (2003), os verbos de mudança de estado são também conhecidos como verbos télicos, pelo fato de esses verbos acarretarem um ponto auge da ação verbal. A partir do verbo 'congelar', tenta-se explicar a relação dos verbos de mudança de estado (verbos télicos) com as metáforas (Moura realizou essa explicação a partir do verbo 'arquivar'). Nesse caso, percebeu-se que, se alguém pensar no sentido literal do verbo 'congelar', isto é, na *ação de congelar*, notará que esse item lexical envolverá: um agente, um período de tempo, um modo de agir e um resultado. Nesse caso, uma sentença metafórica com a presença desse verbo poderia explorar qualquer uma dessas dimensões do evento de congelar.

Contudo, ao se analisar as paráfrases do Quadro 1 e ao se considerar o(s) sentido(s) metafórico(s) desse tipo de ocorrência, percebeu-se que a única dimensão relevante é o resultado da ação de congelar: as outras dimensões do evento de congelar não se destacam. O que importa é somente o resultado, isto é, que o paciente, o objeto da ação verbal, *está congelado*. E estar congelado pode gerar diferentes analogias, dependendo do tópico ao qual se aplica a metáfora do congelar. Por exemplo:

- a) Congelar um pensamento bom é armazená-lo. Logo, *congelar* = *armazenar*.
- b) Congelar o tempo é parar o tempo. Logo, *congelar* = *paralisar/imobilizar*.
- c) Congelar uma lembrança é guardá-la, registrá-la. Logo, *congelar* = *guardar, registrar*.

É possível concluir, assim como Moura (2007), que, no uso de metáforas com verbos de mudança de estado, a única

dimensão do processo verbal que se sobressai é o estado resultativo. Esse resultado confirma a segunda hipótese de pesquisa, lançada na introdução deste artigo. Nesse caso, a primeira hipótese de pesquisa que também foi apresentada na introdução deste artigo – a de que, nas metáforas que apresentam veículos pertencentes a um mesmo paradigma (ou categoria/classe semântica), podem ser identificadas regularidades na interpretação – também se confirma. Pode-se afirmar isso porque, nas noventa metáforas analisadas e nas vinte aqui apresentadas, o veículo é ocupado pelo mesmo paradigma, isto é, pelo verbo de mudança de estado, e, nesse *corpus*, foi identificada a regularidade interpretativa que está relacionada ao resultado do processo verbal. A partir da confirmação dessas duas hipóteses de trabalho, postulou-se um tipo de metáfora com verbo de mudança de estado, baseado em Moura (2007, p. 447).

QUADRO 3 – TIPO DE METÁFORA COM VERBO DE MUDANÇA DE ESTADO.

Tipo de metáfora com verbo de mudança de estado		
[TÓPICO (X)	+	VEÍCULO (Verbo de mudança de estado v)]
Paráfrase = Dimensão relevante do processo verbal = estado resultativo v		

No tipo combinatório postulado, o tópico é representado pela letra “x”. Essa designação faz referência ao resultado obtido nesta pesquisa, isto é, a designação “x” demonstra que o tópico pode ser ocupado por termos que pertencem a categorias/classes semânticas variadas e o veículo é ocupado pelo verbo de mudança de estado. Por meio desse tipo combinatório, mostra-se que toda paráfrase localizada nas metáforas interpretadas faz referência à dimensão relevante do processo verbal, que, neste caso, é o resultado da ação verbal. Porém, é importante reforçar que um estado resultativo

pode gerar diferentes analogias, dependendo do tópico ao qual se aplica uma metáfora. Desta maneira, também é possível concluir que, ao se interpretar metáforas desse tipo, acionam-se categorias semânticas e combinações entre categorias semânticas.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 22. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

BLACK, Max. *Models and metaphor*. Ithaca: Cornell University Press, 1962.

_____. More about metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.): *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CHIERCHIA, Genaro. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*, v. 1. São Paulo: Ática, 1997.

FELLBAUM, C. Examining the constraints on the benefactive alternation by using the world wide web as a corpus. In: REIS, Marga; KEPSER, Stephan (Eds.). *Evidence in linguistics: empirical, theoretical and computational perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 6. ed. rev. atualiz. Curitiba: Positivo, 2004.

FINGER, Ingrid. *Metáfora e significação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

FOSSILE, Dieysa Kanyela. *Metáforas com verbos de mudança de estado*. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GENTNER, D. Structure-mapping: a theoretical framework for analogy. *Cognitive Science*, v. 7, p. 155-170, 1983.

GLUCKSBERG, S. *Understanding figurative language: from metaphors to idioms*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

KITTAY, E. F. *Metaphor: its cognitive force and linguistic structure*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1989.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 7, n. 3, p. 417-452, 2007.

PUSTEJOVSKY, J. *The generative lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, p. 142-147, 1977.

VAN VALIN, R.; LAPOLLA, R. *Syntax: structure, meaning and function*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.